

La idea de la filosofía y el problema de la concepción del mundo

José Francisco dos Santos

josesantofsc@hotmail.com

Mestrando em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos

As lições de 1919 marcam o início das atividades acadêmicas de Martin Heidegger em pleno período de pós-guerra e as lições fazem parte do curso ministrado de 25 de janeiro a 16 de abril do mesmo ano em Friburgo. A tradução em castelhano segue o texto da segunda edição revisada ampliada por Bernd Heimüchel del volumen 56/57 das Obras Completas (Vitorrio Klostermann, Fráncfort de Meno, 1999, p. 1-117).

La idea de la filosofía y el problema de la concepción del mundo é uma obra indispensável para compreender o ponto de partida de Heidegger, e a crise por que passava a filosofia no fim do século XIX e início do XX. Uma das características das lições do semestre de 1919 é o enfrentamento com grandes correntes da filosofia da época, por exemplo, o neokantismo e as filosofias da vida. Ao enfrentar essas correntes o jovem Heidegger dialoga com Cohen, Natorp, Windelband, Rickert, Dilthey e Husserl que eram os grandes nomes da filosofia da época. Constantemente, o jovem Heidegger demonstra a esses que não é dever da filosofia nem pensar nem facilitar uma cosmovisão.

Ao longo do diálogo de Heidegger com essas correntes filosóficas percebe-se que há questões que não estão claras, ou de que não conseguem responder àquilo que lhe parece vital: as questões relacionadas à existência humana. O jovem Heidegger não foi influenciado a ponto de se tornar um admirador ou difusor das ciências teóricas, pois acredita que a filosofia, no decorrer da sua história, deixou esconder de si aquilo que lhe é mais próprio, o sentido da existência humana. Esses fatores levaram o jovem Heidegger a se perguntar: "O que é filosofia?", "Qual o seu papel?", "A que se dedica?", "É suficiente compreender a vida do ponto de vista teórico?", "Que concepções essas correntes filosóficas têm de mundo?"

Em toda a primeira parte das lições do semestre de 1919 percebe-se um jovem apaixonado pela ciência, mas não a ciência teórica, pois acredita que o ponto de partida não é o exterior, aquilo que está ao redor de si, mas sim o surgir filosófico deve ser a existência humana, isto é, a partir de si percebe-se que o jovem Heidegger deseja compreender a realidade primária da vida humana, mas como isso lhe será possível? O jovem Heidegger utiliza-se de uma análise sistemática das estruturas ontológicas da vida humana e parte das vivências não teóricas, ou seja, das vivências pré-reflexivas.

Não nos resta dúvida de que essas realmente sejam lições importantíssimas para a compreensão de onde se origina a questão que transpassará toda a filosofia de Heidegger. As lições de 1919 apontam que o seu ponto de partida é a pergunta pelo ser da vida, que

paulatinamente vai revelando a filosofia que pergunta pela existência humana se transforma na pergunta principal, que é a pergunta pelo sentido do ser.

Como referenciado, as lições de 1919 são importantíssimas para a compreensão do pensamento de Heidegger e das problemáticas que faziam parte do cotidiano da filosofia no final do século XIX. Outro fator a ser destacado é o fato de que é nessas lições que o jovem Heidegger organiza e sistematiza pela primeira vez seu próprio pensamento. Mesmo sendo um texto de sua juventude, todavia, as ideias presentes são originais, profundas e maduras o suficiente para se perceber que em tais lições Heidegger inicia o seu diálogo com Aristóteles para pensar e compreender a vida desde a sua existência. Simultaneamente, percebe-se que Heidegger se posiciona criticamente frente à sua própria formação marcada pela escolástica e pelas ideias neokantianas.

Ainda nas lições de 1919 o jovem Heidegger desenvolve um trabalho hermenêutico no qual tomará duas direções, a primeira é a que busca desconstruir a história da ontologia. A segunda direção é chamada de transformação hermenêutica da fenomenologia de Husserl. São esses dois caminhos que lhe possibilitarão investigar o sentido da vida humana.

O autor não aceita a ideia de que a reflexão possa satisfazer à exigência de ser fiel à doação imediata da consciência. Heidegger acredita que a aceitação de uma atitude não crítica frente a posição teórica da filosofia é a grande responsável pela deformação da vida.

No diálogo Heidegger conversa com os pensadores de seu tempo e confirma que a filosofia, ao longo de sua história, deixou de dar a atenção merecida que a existência humana necessita. Ao mesmo tempo, a filosofia está voltada às questões teóricas da ciência. "A ideia científica que se persegue é de tal natureza que, uma vez alcançada, estaremos obrigados a sair e dar um passo atrás para retornar à problemática mais própria ciência que se pretende fundar" (p. 3). Busca-se de todas as formas uma ciência que seja científica, empírica, mas o jovem Heidegger já alerta nos primeiros parágrafos do texto que para se chegar a essa ciência tão desejada por todos é necessário que se regresse à história da filosofia, isto é, a Aristóteles para a compreensão daquilo que é próprio dessa ciência originária: a práxis humana. É por isso que também nos deparamos com um Heidegger que não acredita que "nenhuma ciência poderá abarcar a totalidade dos âmbitos temáticos. O motivo que leva à particularização das ciências reside na mesma limitação dos âmbitos temáticos... aqui deve residir o motivo que permite elevar a ciência particular à ciência originária" (p. 32).

Logo, percebe-se que nem todos os objetos de conhecimento poderão ser contemplados pela psicologia. Isso leva Rickert a demonstrar que a psicologia não pode ser uma ciência genuína, isto é, uma ciência que contemple a vida do espírito. Parece absurda a pretensão de fundamentar o conhecimento absoluto em uma ciência especial (psicologia) que por vez descansa em uma forma de conhecimento experimental que necessita de validade plena. A princípio, a dificuldade residia em estabelecer o lugar de onde se acessa a ideia.

Ao mesmo tempo, percebe-se que há uma dificuldade de esclarecer qual é o método apropriado para se chegar à ciência original. Os representantes da ciência teórica buscam um método que não lhes deixa dúvida ou meias-verdades, e por isso optam pelo método teleológico. Com isso, a psicologia torna-se enfraquecida na tentativa de ser uma ciência originária, pois que mais será útil ao novo método, isto é, às vivências do objeto que a psicologia oferece. Dessa forma,

entra em cena a lógica como o método que permite chegar a tal tentativa, já que a mesma pressupõe algumas normas e leis para isso, como destaca Heidegger.

Pressupondo que se dão às percepções, representações e combinações destas segundas leis de um mecanismo psicológico, a lógica mesmo começa com a convicção de que isso não basta, de que entre as conexões das representações, independentes de como tenham surgido, se pode estabelecer uma diferença entre verdade e não verdade, de que a última instancia existem formas a que estas conexões devem corresponder e leis a que devem obedecer. (p. 43)

Isso demonstra que a psicologia, na qualidade de ciência empírica, não é uma disciplina filosófica, pois a filosofia só extrai dela o material que logo em seguida é analisado pelo método teleológico, pela lógica. Todo o esforço concentra-se em destacar a importância da origem pré-teórico ou a-teórico das ciências teóricas e de seus princípios no mundo da vida.

Na segunda parte das lições de 1919 *La Idea de filosofía y el problema de la concepción del mundo*, Heidegger aos poucos inicia um estudo crítico dos postulados da fenomenologia e, paulatinamente esses postulados são modificados em virtude de uma hermenêutica fenomenológica. Nessas lições, Heidegger, critica Husserl por reduzir a filosofia à visão de mundo. Essa crítica ao mestre se dá por pelo menos três motivos que provêm diretamente da tentativa de Husserl de conceber a filosofia como uma ciência estrita. O primeiro é o da insistência na independência absoluta da filosofia em relação às ciências chamadas de teóricas. Segundo motivo foi o da disputa contra o historicismo e terceiro o de considerar a filosofia como geradora de concepções de mundo.

A preocupação dos neokantianos e Husserl está em pensar a filosofia como uma ciência originária. Todavia, percebe-se que a preocupação de Heidegger vai na contramão dos representantes do neokantismo e de seu mestre, pois a sua preocupação está no âmbito da determinação desse originário e na forma de poder-se consenti-lo.

Em *La Idea de la filosofía y el problema de la concepción del mundo* não se trata de abordar esta ou aquela pergunta, mas de um novo projeto sobre a essência e o objeto da filosofia. Para Heidegger, o primeiro exercício consiste em diferenciar filosofia de cosmovisão; o segundo, em mostrar a filosofia como fins de ciência original. Essa ciência originária tem como função manter a vida distante do domínio da atitude teórica e ver como se comportam as vivências no mundo e com as pessoas que compartilham e que se encontram neste mundo. Com isso, Heidegger caracteriza o modo de ser da existência humana de um jeito completamente novo e diferente do até então apresentado na filosofia da vida ou na fenomenologia de Husserl.

Por fim, mostra que a filosofia não é uma apresentação abstrata de entes, muito menos um saber utilitarista, mas sim uma ciência pré-teórica capaz de desvelar as experiências da vida, isto é, uma ciência que compreende o fenômeno da vida humana em sua historicidade, singularidade e unicidade.

Referência

HEIDEGGER, M. 2007. *La idea de la filosofía y el problema de la concepción del mundo*. Tradução e notas explicativas de Jesús A. Escudero. Barcelona: Herder Editorial, 165 p.